

A MUDANÇA DE VALORES NUM MUNDO EM TRANSIÇÃO

Maria de Lourdes Pintasilgo

ex- Primeiro Ministro Português



INTRODUÇÃO

Recentemente, o Centro Pompidou, em Paris, organizou um seminário sobre o tema «Valores para o século XXI». Convidada a participar numa das mesas redondas, deparei com a seguinte série de valores : “fraqueza, lentidão, frugalidade, disponibilidade”. A inesperada configuração desta série é um exemplo da **procura** de valores que percorre diferentes círculos. Tenta-se articular valores capazes de expressar uma outra filosofia de vida. Não ouvimos já, por exemplo, modernos politólogos referirem-se à liderança política como uma liderança de competência e compaixão ?

Perante os nossos olhos, séries de valores (ou atitudes apresentadas como valores) parecem definir **ideais** a alcançar, **códigos** de comportamento a adoptar. É neste contexto que situo a reflexão desta manhã.

A minha perspectiva não provém de uma preocupação de descobrir valores intemporais. Pelo contrário, tentarei situar o que tenho para dizer numa perspectiva **socio-cultural** e **socio-política**. Tentarei ver as consequências de “**um mundo-em-transição**” na **formulação** e na **percepção** dos valores.

I. UM MUNDO EM TRANSIÇÃO

O **processo de transição** é realçado a diferentes níveis. Com a queda do Muro de Berlim falamos de **economias em transição**, significando com essa expressão a transformação das economias de planeamento central em economias de mercado. Praticamente ao mesmo tempo, também o processo de **transição democrática** ganhou “momentum”. Na Europa, os países de regime comunista começaram a adoptar formas democráticas de governação. De igual modo, também nos outros continentes se deram mudanças políticas, como parte de uma tendência geral em direcção à «democracia»

Embora com um tempo de vida ainda curto, estes dois processos mostram já que seria falacioso pensar numa mudança repentina de regimes bem-consolidados para formas de sistemas político e económico que muitos consideram definidos de uma vez por todas. A transição aparece-nos agora como **indeterminada** na sua direcção, levando a um panorama político diferente daquele que se esperava.

Nalguns países (como por exemplo a Hungria) os fortes componentes **rurais**, com os seus valores de segurança e tradição, continuam a ser protagonistas importantes. O progresso **tecnológico** tornou-se um factor atraente para todos os países e, com ele, o

interesse pelo sucesso e pela experimentação, a confiança nas máquinas, o desejo da novidade. Em alguns desses países a degradação ambiental tomou tais proporções (Polónia, Repúblicas Checa e Eslovaca, ex-RDA) que o pensamento **ecológico** toma o primeiro lugar com particular ênfase em : ciclos de vida, primazia de soluções orgânicas em detrimento de soluções mecânicas, primazia dos processos em relação aos mecanismos.

Todos estes aspectos coexistem no mesmo espaço e tempo. Não é óbvio que possam interagir, e é possível que surjam conflitos. Uma firme direcção política pode valorizar uma das tendências. Estes ex-exemplos intensos de sociedades em transição tornam mais compreensível a questão fulcral da educação para os valores : qual é a sua articulação, o seu grau de dependência, face às características da sociedade ? A questão surge necessariamente : como é encarada a **educação para os valores** ? Será um mero instrumento de *status quo* ? Ou será uma tentativa para formar um critério acima de / fora de todas as tendências sociais ?

Se a solução é a de incluir as tendências existentes, a quem competirá o critério de definir os valores ? Se é, ao mesmo tempo, uma questão de resistência e uma tentativa de formar uma nova consciência, até que ponto será dada uma tónica ideológica à educação para os valores ? Posta a questão desta maneira, não nos parece possível uma saída para o problema. Os valores tornam-se então **artifícios oportunisticos**. Estes juízos parecem-nos inevitáveis porque estamos a ver a situação em movimento, num período de transição, quando **as opções** e **as decisões** a nível macro parecem ser muito claras para aquele que está de fora.

Entendo que a educação para os valores deverá ser vista, se não num “período de transição” (nem sempre a estabilidade formal permite ver a “transição”), pelo menos nos **seus diferenciais**, como uma maneira de ultrapassar a internalização das tendências sociais e culturais. É por isso que “**um mundo-em-transição**” oferece uma **oportunidade única** para uma reflexão sobre os valores no processo educativo :

Um mundo em transição **esvazia-se** necessariamente das maneiras de pensar e juízos dominantes, das ideias e normas adquiridas. Ousa aventurar-se à novidade do desconhecido. É um período de “nunca mais” e de “ainda não”, aparentemente vazio e, contudo, cheio da potencialidade necessária para uma clara reavaliação de valores. Por isso parece-me adequado tentar entender algumas das tendências dos “períodos de transição” - para que se capturem algumas das tendências que possam abrir caminho para os valores. Referir-me-ei particularmente aos **processos sociais** e aos **fenómenos culturais**.

1. PROCESSOS SOCIAIS NO PERÍODO DE TRANSIÇÃO

a) Novas estruturas de referência ideológica

Como impacto directo das transformações que mencionei - a transição económica e democrática -, parece dar-se uma **substituição dos antigos termos de referência ideológica** por novos. É que as ideologias não morreram. Tendem a emergir a todo o momento como expressão de **inquietação e incerteza** e como substituição mecânica da **acção pela reacção**.



Com o reforço do mercado, a **competitividade** permeia todos os domínios, com o seu séquito de atitudes, de que destaca a centralidade do *ego* e um modo de agir permanentemente **conflitual**. Sem qualquer clarificação filosófica, a posse, a propriedade, acentuam a tendência para o **ter**, a expensas do **ser**. As **mediações** utilizadas, nomeadamente todas as técnicas de **marketing**, diluem a fronteira entre o que **é** e o que **parece ser**. O **sujeito** fica assim diluído pelos mecanismos necessários para o total funcionamento do mercado (como se o «mercado» fosse uma entidade mágica, autónoma, com vida própria).

Englobando a economia e a política, o arquétipo do **vencedor** modela aspirações e desejos. A espiral do poder e da visibilidade, tendo o vencedor no centro, leva igualmente à marginalização do fraco, vulnerável e desorganizado. A **liberdade** que leva à luta pela democracia cria, paradoxalmente, zonas sociais de **dependência** ou de **rejeição**. Ambos os mecanismos derivam do mote “sempre **mais**” : mais coisas, mais liberdade, maior velocidade. O império do MAIS, da quantidade, aniquila a capacidade de julgar. Em nome da liberdade desaparece a capacidade de se avaliar cada nova situação e as suas componentes.

A sociedade está a reagir a estes fenómenos cegos. Têm sido criados mecanismos, a nível nacional, para analisar e julgar os problemas postos por novas formas das realidades sociais. Daí os “Conselhos” sobre o **audio-visual** ou os “Conselhos” ou “Comités” sobre a **bio-ética**. No entanto, estamos ainda tão convencidos que a não-regulamentação do Estado é um dever na economia, que falhamos na definição de polos institucionais de reflexão ética para os processos económicos ou políticos.

Como é que o sistema educativo se relaciona com este ambiente? Se, na sua macro-realidade, o sistema educativo “transporta” estes valores, como pode ele **desenvolver outros valores a nível individual**? Será o sistema educativo esquizofrénico?

b) **Globalização das questões**

Chegámos a este período da história após um tempo de **divisão, separação, exclusão**. Hoje deparamos com uma realidade que é global: uma única cadeia de **informação mundial**, um único tipo de música popular, um sistema de crédito e moedas interligadas, ..., estaremos a caminhar de um mundo bi-polar para um mundo uni-polar? E se assim fôr, quais serão as consequências para os valores?

As fronteiras, quando existem, parecem ser barreiras ténues através das quais circulam as pessoas, as mercadorias, o dinheiro. Nada parece poder ser contido num mundo que é estruturado por realidades globais.

Ao mesmo tempo, nesse panorama de aparente permeabilidade e uniformidade, diversificados e inesperados acontecimentos reforçam as fronteiras.

Enquanto a **globalização das questões** parece criar um mundo cada vez mais unificado, deparamos com um doloroso, por vezes sangrento esforço para que cada cultura afirme a sua própria identidade e seja respeitada nessa identidade. O **global** e o **local** tornam-se os dois lados de cada realidade cultural e sociológica.



Como poderemos então relacionar estes dois modos de viver e ver a realidade ? Que valores existem na **cultura mundial**, bem como na **cultura específica de cada grupo**, de modo a que a circulação entre os dois níveis possa ser possível ? Através de que conjunto de valores comunicam eles ? Que valores reforçam os dois polos ? Como pode a educação evocar, ao mesmo tempo, o mundo como um **todo comum** partilhado por muitos, e a realidade local - país, cidade, escola - como **zona específica**, onde todos os valores serão expressos ?

A globalização leva a um **alargamento** de conteúdos de valores, bem como a novas maneiras de os formular. Como estamos longe das **dicotomias** de valores utilizadas em exemplos clássicos do juízo moral ! A tradicional questão de “**ou isto ou aquilo**”, gerada num mundo de separação, divisão e, por conseguinte, de polarização, dá lugar à compatibilidade de elementos que, durante muito tempo, foram considerados contraditórios. O que está então em risco não é uma mera acomodação de diversas realidades. É antes a descoberta da **interligação** dessas diferentes realidades.

Concentrando-nos na sua ligação mútua, destacam-se como relevantes os valores que residem nas **interfaces**. Eles sobressairão e iluminarão, de nova maneira, as **duas realidades**. É o momento de substituímos os antagonismos radicais de ou / ou por **tanto / como**. Nesse contexto, nenhuma questão permanece fechada em si mesma. A realidade não é uma série de **coisas**, mas uma cadeia de **ligações**. Todos os processos da vida deixam de ser vistos **como partes de uma grande máquina** e tornam-se gradualmente **componentes de um grande pensamento**.

Entrar nesse «pensamento» é, no limite, o **objectivo da educação**. Mais do que transmitir perspectivas mecanicistas sobre **segmentos** da vida, é a compreensão da própria vida nos seus processos que constitui o essencial da educação. Os valores estarão então intrinsecamente ligados ao seu contexto como parte integrante do conhecimento.

c) **A policentralidade social**

A relação do local com o global **não** acontece dentro da lógica de um **esquema* hierárquico**. O **tecido social e cultural** do mundo-em-transição é **poli-centrado**. A hierarquia dos acontecimentos está disseminada em diferentes redes de cultura e de sociedade.

Este fenómeno pode ser observado, nos seus extremos, na cadeia económica da produção e da distribuição do nosso tempo. A deslocalização de empresas, característica da última década, e provavelmente dos anos vindouros (devido ao crescimento económico que tem vindo a gerar), é exemplo desta situação. O emprego e o desemprego são gerados de modo **descentralizado**. O **desemprego** ocorre em locais **onde** uma empresa tem os seus escritórios centrais, enquanto a criação de empregos ocorre em lugares onde os lucros não são nem tributáveis nem redistribuídos. Assim, qualquer decisão relacionada com a direcção social e económica de tal empresa tem de abranger unidades desarticuladas e de ser formulada em relação a diferentes realidades sociais.

Este exemplo ilustra a necessidade de se englobar sempre, no **sistema-de-valores**, **as múltiplas causas e conseqüências** de qualquer acção. Se os valores são contextuais, tal



não se deve a um simples relativismo de princípios, mas sim ao facto de que, fora da totalidade do contexto, eles podem ser irrelevantes ou mesmo inadequados.

2. OS NOVOS FENÓMENOS CULTURAIS

O mundo-em-transição faz já pressentir o que será a nova realidade. Isto é entendido, em primeiro lugar, pela cultura.

a) Centralidade da informação

É óbvio que a maior transformação ocorreu **no papel e no dispositivo da informação**. Não se trata aqui de qualquer discurrir sobre a sociedade de informação, mas sobre a **centralidade da informação** (e o nosso apetite pelo seu contínuo martelar nos nossos ouvidos e nos nossos olhos).

Podemos observar **dois movimentos opostos nos padrões da informação**. No primeiro, temos a informação fragmentada, episódica, relatada em 30 segundos. Notícias, histórias, publicidade a toda a hora; informação dada com a finalidade de chamar a atenção, não para alargar os conhecimentos. No segundo, está a tentativa de colocar toda essa informação junta, de modo a constituir um *puzzle* e a obter, por fim, a percepção das coisas, algum conhecimento. Parece-me que estes dois movimentos podem ter um papel importante na compreensão da educação para os valores.

A informação emana de muitas fontes; contribui para um «barulho» crescente, uma mistura indiferenciada de sinais. A incapacidade de seguir uma simples informação é indício de que o «barulho» está para além da aceitação humana. A primeira questão ética é a seguinte : para não enlouquecer, tem de se alcançar o equilíbrio entre a informação e o barulho. É este o **nível de sobrevivência** na zona de informação. No entanto, a informação continua a afluir, inclusivé na sala de aula. Aparecem muitos sinais; a maioria tem vida instantânea, alguns são individualizados pela mente ou pelo coração, ou por ambos, e registados na memória.

Para que a vida humana possa encontrar um centro unificador, para que o conhecimento ganhe corpo, para que os valores éticos se enraízem, é necessário o segundo movimento : pôr tudo em conjunto, relacionar, ligar, fazer um todo coerente.

E este movimento corresponde a um momento : em breve será ultrapassado por outra informação que não aparece em camadas organizadas, mas em acontecimentos desconexos e em canais diversificados. Começa então o processo uma vez mais.

Ser capaz de tratar a informação que rodeia a pessoa humana é uma **pré-condição de vida ética**.

b) Interdisciplinaridade

A **interligação** a que acima me referi torna-se inevitável na cultura nascida neste período de transição.